# PLACAR

EDIÇÃO DE COLECIONADOR

# 25 ANOS DO TETRA

Será que Romário ganhou sozinho a Copa de 94?

**A hora certa, o lugar certo e a grande oportunidade de falar com os principais decisores e as novas lideranças do país.**

A renovação política, os desafios da segurança pública, as perspectivas econômicas, a recuperação dos estados, os próximos passos para o Brasil avançar. Para as questões mais relevantes no atual momento, convidados com o poder de fazer a diferença. Afinal, estar frente a frente com quem define as agendas mais importantes é essencial também para os negócios.

# SUMÁRIO

## ANIVERSÁRIO DE QUALIDADE

Comemorações são sempre bem-vindas em Placar. E os 25 anos do tetra são mais do que especiais para nós. Afinal, 1994 foi um ano em que começamos a trabalhar e ingressar no mundo digital. Conhecíamos a internet no Estados Unidos e usávamos as primeiras câmeras digitais, mas não trabalhamos apenas com elas, que ainda eram bem precárias – nem monitores havia ainda nas câmeras. Mas já era o máximo clicar uma foto e enviar por FTP para o Brasil, algo que era muito mais rápido do que passar uma imagem por telefone, a chamada telefoto.

O Brasil que acompanhamos, então desacreditado, buscou se fechar num grupo em que os atletas, entre outras atitudes, entravam de mãos dadas em campo. Time e comissão técnica não escondiam a inimizade com a imprensa – que com razão criticava o futebol praticado pelo Brasil. Nada brilhante, mas com Romário, Bebeto e a ajudinha de outros heróis, como Branco, eles conquistaram o mundo e até a imprensa. São históricas as narrações de Galvão Bueno e a participação de Pelé, os dois que, no final, enlouqueceram numa explosão de felicidade. "É tetra! É tetra!" Os gritos de Galvão, abraçado e sacudindo o Rei, nunca serão esquecidos.

© CAPA ALEXANDRE BATTIBUGLI
© SUMÁRIO GETTY IMAGES

VICTOR CIVITA (1907-1990) | ROBERTO CIVITA (1936-2013)

**Conselho Editorial:** Fábio Carvalho e Thomaz Souto Corrêa

**PLACAR**

**Colaboraram nesta edição:**
Rodolfo Rodrigues (texto), L.E. Ratto (arte),
Alexandre Battibugli (foto),
Ricardo Corrêa (edição e foto) e Renato Bacci (revisão)
CTI: André Luiz e Marisa Tomas
www.placar.com.br

**PUBLICIDADE** [illegible] **OPERAÇÕES** [illegible] **ATENDIMENTO E CANAIS DE VENDAS** [illegible] **MARKETING DE MARCAS, EVENTOS E VÍDEO** [illegible] **AUDIÊNCIA DIGITAL** [illegible] **MARKETING CORPORATIVO E PROJETO** [illegible] **PROJETOS ESPECIAIS E ABRIL BRANDED CONTENT** [illegible] **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** [illegible]

**Redação e Correspondência:** Av. Otaviano Alves de Lima, 4.400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1454 (789 3614 11155 1), ano 49, [illegible] publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: [illegible] ao seu jornaleiro pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

**Serviço ao assinante:** Grande São Paulo: (11) 5087-2112 Demais localidades: 0800-7752112 www.abrilsac.com Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145 Demais localidades: 0800-7752145 www.assineabril.com.br

**IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA** Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

# A COPA DO TIO SAM

A expectativa era de uma Copa estranha. Foi um pouco, mas a imensa torcida de imigrantes e o fácil acesso ao país encheram os estádios. O Brasil se sagrou tetra, numa final sem gols e decidida nos pênaltis. Foi um teste para cardíaco!

A Copa dos Estados Unidos era uma incógnita já que os Estados Unidos não eram – e ainda não são – exatamente o país do futebol. Mas a aposta da Fifa foi certeira: os imigrantes e o fácil acesso ao país fizeram os estádios lotarem. Se tecnicamente não foi uma Copa empolgante, nós, brasucas, tiramos a barriga da miséria. O tetra chegou 20 anos após o tri, no México. Nossa seleção não foi brilhante nas Eliminatórias e conquistou a classificação somente no último jogo, no Maracanã, com um show dos pés decisivos de Romário.

O Baixinho, aliás, foi o grande herói da conquista. Jogou muita bola e sua presença matadora dentro da pequena área foi fundamental. Mas não foi somente ele que jogou bola. Tínhamos Bebeto, e tínhamos Dunga, o capitão magoado, de mal com a imprensa. Tanto que, quando levantou o caneco – aliás, a Taça Fifa –, nem comemorou, soltou um "fotografa aí, seus traíra *(sic)*", numa referência óbvia aos jornalistas que criticaram o futebol jogado pelo Brasil.

Foi uma Copa pragmática para nossa equipe. Também tivemos sorte e competência. Parreira, apesar de não ser uma unanimidade, fez o correto, substituindo as peças que não estavam bem, especialmente Raí. Perdeu Leonardo, expulso e punido por uma cotovelada digna de MMA, mas contou com a estrela de Branco, que na fogueira foi o titular contra a Holanda, nas quartas. E mandou bem, fazendo um gol histórico, uma bomba, que teve a inusitada recolhida de bunda de Romário dentro da área, já que estava bem na trajetória da bola. O Brasil avançou depois disso e foi muito bem até a final contra a Itália. Jogo duríssimo e que, pela primeira vez na história, foi decidido por penalidades.

A Itália tinha um timão. O craque do time era Roberto Baggio, que, ao desperdiçar a cobrança de pênalti, ajudou o Brasil a conquistar o título. Apesar da nossa sorte, Baggio ficou marcado injustamente por aquela cobrança, como se fosse um fracassado. Baggio jogou muito, foi um supercraque no mundial. Ironicamente, era fã de Zico – aliás, lembrava bastante o jeito de o Galinho jogar.

Parreira fez uma aposta em Ronaldinho, que depois se tornaria Fenômeno, mas não colocou o garoto em campo – sem função, passou parte do tempo fazendo vídeos dos companheiros. Se Ronaldo surgiu para o mundo, outro gênio afundou sua carreira ao ser pego por doping. Maradona decepcionou, e seu afastamento no meio da Copa foi melancólico e triste para o futebol.

Dois nomes surpreenderam o mundo. O búlgaro Stoichkov, um deles, levou seu país longe no mundial, à quarta colocação. O craque búlgaro foi artilheiro da Copa, com cinco gols, ao lado do russo Oleg Salenko, que inusitadamente marcou a mesma quantidade em apenas um jogo, na vitória da Rússia sobre Camarões por 6 x 1. A nota triste do mundial ficou com o craque Escobar, da Colômbia. Após marcar um gol contra e contribuir para eliminar sua seleção, o jogador foi assassinado ao voltar para casa, na Colômbia. Crime que teria sido praticado por apostadores que teriam perdido muito dinheiro com a eliminação precoce da Colômbia, na primeira fase da Copa.

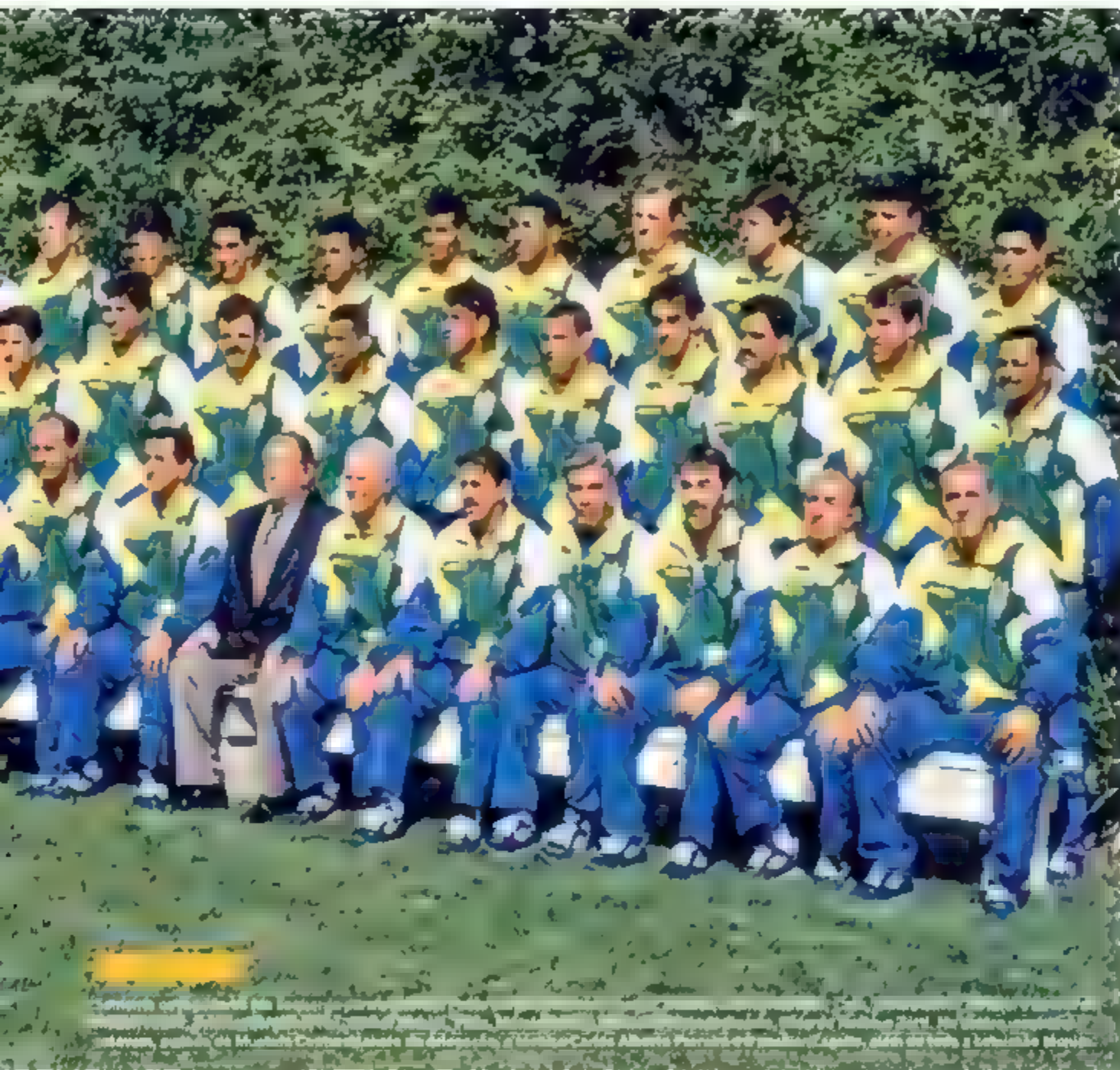
## MARADONA DEIXOU UMA MARCA TRISTE NA COPA

# FOI TUDO MUITO TENSO

**Com um início ruim e após conhecer sua primeira derrota na competição, seleção brasileira arrancou a classificação para a Copa no último jogo, com show de Romário**

Presente em todas as Copas do Mundo entre 1930 e 1990, a seleção brasileira quase sempre conseguiu suas classificações para os mundiais com certa folga, sem sofrimento, desde 1954, quando estreou numa Eliminatória de Copa. Mas para 1994 a situação ficou feia, a ponto de a desclassificação se tornar um fantasma real na última rodada.

Depois de começar sua trajetória com um empate sem gols contra o Equador, em Guayaquil, a seleção de Carlos Alberto Parreira acabou derrotada pela primeira vez numa Eliminatória da América do Sul após 32 jogos de invencibilidade. Jogando na altitude de La Paz, a seleção levou dois gols nos minutos finais (43 e 44 minutos), com direito a um frango do goleiro Taffarel. Em seguida, a seleção goleou a Venezuela, que na época era um saco de pancadas, por 5 x 1, e empatou com o Uruguai por 1 x 1 em Montevidéu, somando apenas quatro pontos em quatro jogos – na época a vitória valia dois pontos. No returno, o Brasil começou a se recuperar e venceu o Equador por 2 x 0, no Morumbi, e depois a Bolívia por 6 x 0, no Estádio Arruda, no Recife. Naquele jogo, Parreira entrou com o time que seria o seu ideal, com exceção do centroavante: Taffarel, Jorginho, Ricardo Gomes, Ricardo Rocha e Branco; Mauro Silva, Dunga, Raí e Zinho; Bebeto e Müller. Na rodada seguinte, nova goleada (4 x 1 na Venezuela, no Mineirão). "Nesse jogo é que sentimos uma mudança no espírito da equipe. O time ficou unido, ali mudou tudo", lembra o zagueiro Ricardo Rocha. Mas, apesar das três vitórias seguidas, a situação ainda era tensa, afinal Brasil, Bolívia e Uruguai chegaram empatados na última rodada com dez pontos cada um. O Brasil liderava pelo saldo de gols (+15, contra 11 dos adversários). Um empate, em casa, no Maracanã, colocaria o Brasil na Copa de 1994, mas uma derrota poderia sacramentar a inédita queda. Com o pedido de dispensa do atacante Careca – que aos 32 anos não se sentia em condições de dar o seu melhor para a seleção – e a contusão do atacante Müller, titular nas Eliminatórias, o técnico Parreira acabou recorrendo ao baixinho Romário, com quem havia se desentendido em dezembro de 1992. Depois de jogar pela última vez pela seleção na Copa de 1990 (contra a Escócia), Romário voltou a ser chamado no fim de 1992 e exigiu a vaga de titular. Parreira foi contra, mas botou Romário em campo no amistoso contra a Alemanha. A discussão entre eles gerou um mal-estar que colocou o Baixinho na geladeira por nove meses, sem ser convocado. Em grande fase no Barcelona, Romário chegou ao Rio de Janeiro seis dias antes da partida com o status de salvador da pátria. Parreira, pressionado durante as Eliminatórias por não levar o craque, cedeu ao apelo popular e, para o bem dos brasileiros, Romário brilhou. Jogando com muita vontade, o atacante deu dribles, arrancadas e finalizações e acabou marcando os dois gols da vitória, aos 27 e aos 37 minutos do segundo

tempo, garantindo o Brasil na Copa de 1994. A atuação, segundo o próprio atacante, foi uma das melhores de sua vitoriosa carreira. "O Uruguai tinha um grande time, com Francescoli, Rubén Sosa e Fonseca. Sabíamos que era difícil e tenso. Mas não tínhamos o pensamento negativo. Fizemos um jogo impecável na marcação. Acertamos tudo. Fiz também um dos meus melhores jogos pela seleção. Foi irretocável. E lá na frente o Romário resolveu. O que poderia ser um jogo traumático acabou servindo para dar mais força ainda para o grupo", explicou Ricardo Rocha.

do. Outros que foram testados foram Cléber, Alexandre Torres, Célio Silva, Mozer, Paulão e Júlio César.

Para o meio-campo, Parreira levou três volantes. Mauro Silva, Dunga e Mazinho. Destaque do La Coruña, Mauro Silva era um dos jogadores preferidos do treinador. Dunga, então no Stuttgart, e um dos mais criticados na Copa de 1990, vinha de uma grande temporada pelo clube alemão. Já Mazinho era um dos principais nomes do Palmeiras. Entre os preteridos, estavam César Sampaio (que para muitos poderia ter ido no lugar de Mazinho), Wilson Mano, Charles Guerreiro, Axel, Luisinho, Dinho e o veterano Júnior. Já entre os meias, os convocados foram Raí, que atravessava ótima fase no PSG, Zinho, destaque do Palmeiras, e Paulo Sérgio, uma das maiores surpresas da lista, que estava no Bayer Leverkusen. Rivaldo, que havia feito um grande brasileiro pelo Corinthians em 1993 e um grande Paulistão pelo Palmeiras, em 1994, foi uma das ausências sentidas. Outros testados na posição foram Luís Henrique, Valdo, Valdeir, Carlos Alberto Dias, Silas, Neto, Boiadeiro, Marquinhos, Válber e Alberto.

Já no ataque, Parreira levou cinco jogadores: Bebeto, artilheiro do Campeonato Espanhol de 1993 pelo La Coruña, Romário, destaque do Barcelona, Muller, bicampeão mundial pelo São Paulo; Viola, que estava em grande fase no Corinthians, e Ronaldo, revelação do Cruzeiro, com apenas 17 anos. Evair, artilheiro do Brasileirão e um dos principais nomes do Palmeiras, era nome certo para muitos, mas acabou preterido por Viola. Assim como Palhinha, do São Paulo, que chegou a ser titular nas Eliminatórias. Careca, Renato Gaúcho, Túlio, Charles, Nílson, Elivélton, Edmundo, Aílton, Edílson e Sávio foram outros nomes testados por Parreira.

# OPÇÃO PELOS VETERANOS

**O técnico Carlos Alberto Parreira convocou uma seleção experiente, com 27,4 anos de média de idade, deixando promessas para trás – com exceção de Ronaldo, que nem sequer entrou em campo**

Após a traumática eliminação na Copa do Mundo de 1990, na Itália, para a Argentina, nas oitavas de final, a CBF demitiu o técnico Sebastião Lazaroni e buscou o novato Paulo Roberto Falcão para dar início a um processo de renovação, visando o mundial de 1994. O ex-craque do Internacional e da Roma sofreu no início com poucas opções no futebol nacional e acabou demitido após perder a Copa América de 1991 sem agradar. Assim, a entidade mudou seu planejamento e trouxe o experiente Parreira novamente – ele já havia dirigido a seleção em 1983.

Aproveitando algumas revelações da época de Falcão, como o volante Mauro Silva e o lateral direito Cafu, Parreira começou a montar sua base praticamente em 1992, trazendo de volta os pilares da Copa de 1990, com Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha, Ricardo Gomes, Branco, Dunga, Bebeto, Renato Gaúcho e Muller. Em pouco mais de dois anos de trabalho até a Copa dos Estados Unidos, Parreira chamou 46 jogadores além dos 23 que levou para o Mundial.

Entre os goleiros, o treinador levou Taffarel, titular da Copa de 1990 e que estava atravessando grande fase na seleção e no futebol italiano, apesar de defender o modesto Reggiana. Zetti, destaque do São Paulo bicampeão mundial em 1992/93, foi como seu reserva imediato. Já Gilmar, aos 35 anos, foi levado pela experiência, já que estava em fim de carreira, no Flamengo. Carlos, titular da Copa de 1986 e reserva em 1978 e 1982, chegou a jogar com Falcão e Parreira antes da Copa, mas acabou preterido, assim como Sérgio, então goleiro do Santos.

Na lateral direita, além de Jorginho, que vivia ótima fase no Bayern Munique, Parreira levou Cafu, que voava no São Paulo de Telê. Luís Carlos Winck (Inter), Giba (Corinthians) e Vítor (São Paulo) chegaram a ser testados, mas estavam muito abaixo dos convocados. Na lateral esquerda, Parreira acabou travando uma grande briga com a imprensa e torcedores. Leonardo, seu titular, vinha atuando como meia há um bom tempo no São Paulo e Valencia. Já Branco, aos 30 anos, estava longe da forma física e técnica que o levou para as Copas de 1986 e 1990. Com Roberto Carlos, do Palmeiras, em grande fase após o título brasileiro de 1993, a presença de Branco foi uma das mais contestadas. Mas Parreira bancou o jogador do Flu, pois dizia que em Copas valia mais a experiência e a personalidade do que o talento. Já os zagueiros Ricardo Rocha e Ricardo Gomes, titulares na Copa de 1990, eram nomes indiscutíveis. Gomes, aliás, era o seu capitão. Na reserva, o técnico tinha Márcio Santos, então no Bordeaux, e Aldair, titular da Roma. Mas com o corte de Ricardo Gomes às vésperas do mundial, Ronaldão, titular do São Paulo, acabou sendo chamado. Entre os convocados antes da Copa, apenas Antônio Carlos, do Palmeiras, foi uma surpresa por ter sido preteri-

# A CAMPANHA DO BRASIL NAS ELIMINATÓRIAS

**18/7/1993 - Guayaquil**
Equador 0 x 0 Brasil

**25/7/1993 - La Paz**
Bolívia 2 x 0 Brasil

**1/8/1993 - San Cristóbal**
Venezuela 1 x 5 Brasil
Gols: **Raí, Bebeto (2), Branco e Palhinha**

**15/8/1993 - Montevidéu**
Uruguai 1 x 1 Brasil
Gol: **Raí**

**22/8/1993 - São Paulo**
Brasil 2 x 0 Equador
Gols: **Bebeto e Dunga**

**29/8/1993 - Recife**
Brasil 6 x 0 Bolívia
Gols: **Raí, Müller, Bebeto (2), Branco e Ricardo Gomes**

**5/9/1993 - Belo Horizonte**
Brasil 4 x 0 Venezuela
Gols: **Ricardo Gomes (2), Palhinha e Evair**

**19/9/1993 - Rio de Janeiro**
Brasil 2 x 0 Uruguai
Gols: **Romário (2)**

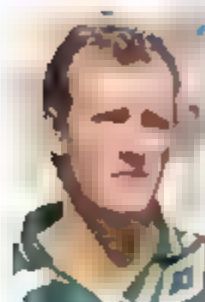
## CLASSIFICAÇÃO (GRUPO 8)

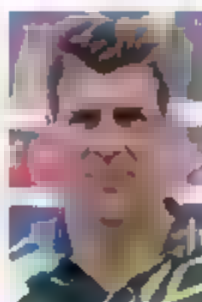
| | PG | J | V | E | D | GP | GC | S |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1º [illegible] | 12 | 8 | 5 | 2 | 1 | 20 | 4 | 16 |
| 2º Bolívia | 11 | 8 | 5 | 1 | 2 | 22 | 11 | 11 |
| 3º Uruguai | 10 | 8 | 4 | 2 | 2 | 10 | 7 | 3 |
| 4º Equador | 5 | 8 | 1 | 3 | 4 | 7 | 7 | 0 |
| 5º Venezuela | 2 | 8 | 1 | 0 | 7 | 4 | 34 | -30 |

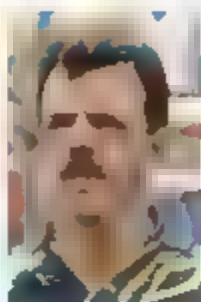
Classificados para a Copa do Mundo de 1994

## QUEM JOGOU

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Taffarel | Goleiro | Parma-ITA | 8 | -4 |
| Jorginho | Lateral direito | Bayern Munique-ALE | 8 | 0 |
| Cafu | Lateral direito | São Paulo | 2 | 0 |
| Ricardo Rocha | Zagueiro | Real Madrid-ESP | 5 | 0 |
| Marcio Santos | Zagueiro | Bourdeaux-FRA | 5 | 0 |
| Ricardo Gomes | Zagueiro | Paris Saint-Germain-FRA | 4 | 3 |
| Válber | Zagueiro | São Paulo | 2 | 0 |
| Antônio Carlos | Zagueiro | Palmeiras | 1 | 0 |
| Branco | Lateral esquerdo | Genoa-ITA | 7 | 2 |
| Leonardo | Lateral esquerdo | Valencia-ESP | 1 | 0 |
| Mauro Silva | Volante | La Coruña-ESP | 8 | 0 |
| Dunga | Volante | Pescara-ITA | 6 | 1 |
| Raí | Meia | Paris Saint-Germain-FRA | 8 | 3 |
| Zinho | Meia | Palmeiras | 6 | 0 |
| Palhinha | Meia | São Paulo | 5 | 2 |
| Luís Henrique | Meia | Monaco-FRA | 3 | 0 |
| Bebeto | Atacante | La Coruña-ESP | 7 | 5 |
| Evair | Atacante | Palmeiras | 4 | 1 |
| Müller | Atacante | São Paulo | 4 | 1 |
| Careca | Atacante | Napoli-ITA | 2 | 0 |
| Valdeir | Atacante | Bordeaux-FRA | 2 | 0 |
| Elivélton | Atacante | São Paulo | 1 | 0 |
| Romário | Atacante | Barcelona-ESP | 1 | 2 |

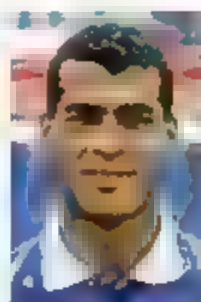
# OS 22 JOGADORES

### TAFFAREL
GOLEIRO

Cláudio André Mergen Taffarel
8/5/1966
Santa Rosa (RS)
28 anos na época
Clubes até a Copa
Internacional (85-90), Parma-ITA (90-93) e Reggiana-ITA (93-94)

### ZETTI
GOLEIRO

Armelino Donizetti Quagliato
10/1/1965
Porto Feliz (SP)
29 anos na época
Clubes até a Copa
Palmeiras (84 e 86-89), Londrina-PR (85) e São Paulo (90-94)

### GILMAR
GOLEIRO

Gilmar Luís Rinaldi
13/1/1959,
Erechim (RS)
35 anos na época
Clubes até a Copa
Internacional (79-85), São Paulo (85-90) e Flamengo (91-94)

### JORGINHO
LAT. DIREITO

Jorge de Amorim Oliveira Campos
17/8/1964
Rio de Janeiro (RJ)
29 anos na época
Clubes até a Copa
América-RJ (83-84), Flamengo (84-89), Bayer Leverkusen-ALE (89-92) e Bayern Munique-ALE (92-94)

### CAFU
LAT. DIREITO

Marcos Evangelista de Moraes
7/6/1970
São Paulo (SP)
24 anos na época
Clubes até a Copa
São Paulo (89-94)

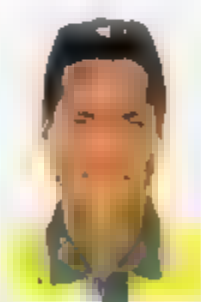
### ALDAIR
ZAGUEIRO

Aldair Nascimento dos Santos
30/11/1965,
Ilhéus (BA)
28 anos na época
Clubes até a Copa
Flamengo (85-89), Benfica-POR (89-90) e Roma-ITA (90-94)

### MARCIO SANTOS
ZAGUEIRO

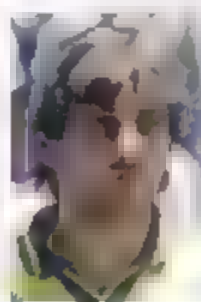
Márcio Roberto dos Santos
15/9/1969,
São Paulo (SP)
24 anos na época
Clubes até a Copa
Novorizontino-SP (88-90), Internacional (90-91), Botafogo (92) e Bordeaux-FRA (92-94)

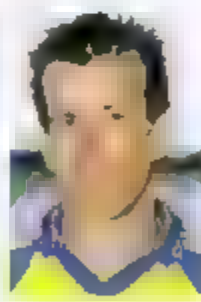
### RICARDO ROCHA
ZAGUEIRO

Ricardo Roberto Barreto da Rocha
11/9/1962
Recife (PE)
31 anos na época
Clubes até a Copa
Santa Cruz (83-84), Guarani (85-88), Sporting-POR (89), São Paulo (89-91), Real Madrid-ESP (91-93), Santos (93) e Vasco (94)

### RONALDÃO

Ronaldo Rodrigues de Jesus
19/6/1965,
São Paulo (SP)
28 anos na época
Clubes até a Copa
Rio Preto-SP (85), São Paulo (86-94) e Shimizu S-Pulse-JAP (94)

### BRANCO

Cláudio Ibrahim Vaz Leal
4/4/1964
Bagé (RS)
30 anos na época
Clubes até a Copa
Fluminense (83-86 e 94), Brescia-ITA (86-88), Porto-POR (88-90), Genoa-ITA (91-93) e Grêmio (93)

### LEONARDO

Leonardo Nascimento de Araujo
5/9/1969,
Niterói (RJ)
24 anos na época
Clubes até a Copa
Flamengo (87-90), São Paulo (90-91 e 93-94) e Valencia-ESP (91-93)

### DUNGA

Carlos Caetano Bledorn Verri
31/10/1963,
Ijuí (RS)
30 anos na época
Clubes até a Copa
Internacional (83-84), Corinthians (84-85), Santos (86), Vasco (87), Pisa-ITA (87-88), Fiorentina-ITA (88-92), Pescara-ITA (92-93) e Stuttgart-ALE (93-94)

## MAURO SILVA
VOLANTE

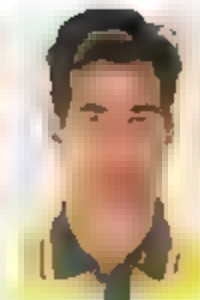
Mauro da Silva Gomes
12/1/1968,
São Bernardo do Campo (SP)
26 anos na época
Clubes até a Copa
Guarani (87-89), Bragantino-SP (89-92) e La Coruña-ESP (92-94)

## MAZINHO
VOLANTE

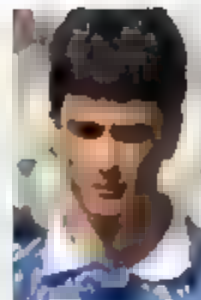
Iomar do Nascimento
8/4/1966,
Santa Rita (PB)
28 anos na época
Clubes até a Copa
Vasco (85-90), Lecce-ITA (90-91), Fiorentina-ITA (92) e Palmeiras (92-94)

## ZINHO
MEIA

Crizam César de Oliveira Filho
17/6/1967
Nova Iguaçu (RJ)
27 anos na época
Clubes até a Copa
Flamengo (86-92) e Palmeiras (92-94)

## RAÍ
MEIA

Raí Souza Vieira de Oliveira
15/5/1965
Ribeirão Preto (SP)
29 anos na época
Clubes até a Copa
Botafogo-SP (84-86), Ponte Preta (86), São Paulo (87-93) e Paris Saint-Germain-FRA (93-94)

## PAULO SÉRGIO
MEIA

Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento
2/6/1969,
São Paulo (SP)
25 anos na época
Clubes até a Copa
Corinthians (88-89 e 90-93), Novorizontino-SP (90) e Bayer Leverkusen-ALE (93-94)

## BEBETO
ATACANTE

José Roberto Gama de Oliveira
16/2/1964,
Salvador (BA)
30 anos na época
Clubes até a Copa
Vitória (83), Flamengo (83-89), Vasco (89-92) e La Coruña-ESP (92-94)

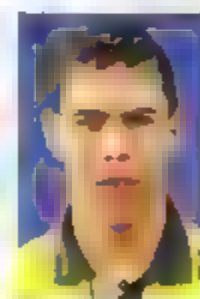
## ROMÁRIO
ATACANTE

Romário de Souza Faria
29/1/1966,
Rio de Janeiro (RJ)
28 anos na época
Clubes até a Copa
Vasco (85-88), PSV Eindhoven-HOL (88-93) e Barcelona-ESP (93-94)

## MULLER
ATACANTE

Luís Antônio Corrêa da Costa
31/1/1966,
Campo Grande (MS)
28 anos na época
Clubes até a Copa
Operário-MS (83), São Paulo (84-88 e 91-94) e Torino-ITA (88-91)

## VIOLA
ATACANTE

Paulo Sérgio Rosa
1/1/1969
São Paulo (SP)
25 anos na época
Clubes até a Copa
Corinthians (88-90, 91 e 92-94), São José-SP (90) e Olímpia-SP (91)

## RONALDO
ATACANTE

Ronaldo Luís Nazário de Lima
22/9/1976
Rio de Janeiro (RJ)
17 anos na época
Clubes até a Copa
Cruzeiro (93-94)

Carlos Alberto Gomes Parreira
27/2/1943, Rio de Janeiro (RJ)
51 anos na época

Fluminense (75-76, 77-78 e 84), seleção do Kuwait (78-83), seleção brasileira (83 e 91-94), seleção dos Emirados Árabes (86-88 e 90-91), seleção da Arábia Saudita (88-90) e Bragantino (91)

# PARA GRINGO VER

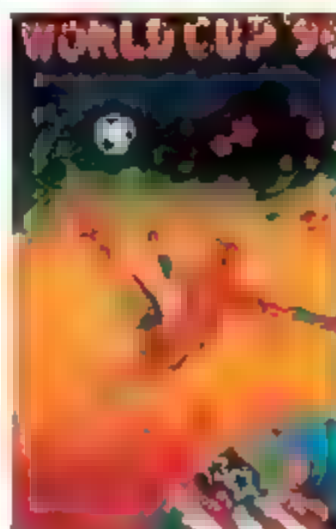
**Uma Copa do Mundo nos Estados Unidos parecia algo absurdo, já que o "soccer" não era popular naquele país. Mas, para surpresa geral, tudo deu certo e os estádios lotaram**

Brasil, Marrocos e Estados Unidos disputaram para sediar a Copa de 1994. Os americanos levaram a melhor e desde a escolha, em 1988, uma leve desconfiança tomou conta dos países aficionados por futebol. Afinal, o que um país sem a menor tradição no futebol iria fazer para encher os estádios e organizar um mundial de tamanha importância? O que todos se esqueceram foi que, num país formado por imigrantes, muita gente gostava do "soccer", como é chamado o esporte bretão por lá. Os estádios lotaram e a organização foi muito boa.

Os jogos ocorreram em nove cidades diferentes, em grandes estádios adaptados para o futebol que conhecemos e que antes eram usados para outros esportes, principalmente o futebol americano – aquele dos caras grandes de capacete. O maior estádio da Copa, o Rose Bowl, em Pasadena, na Califórnia, tinha capacidade para 94 mil pessoas e foi o palco da final entre Brasil e Itália.

Na época do mundial viam-se muitas reportagens que mostravam que o americano médio não sabia que ali estava acontecendo uma Copa do Mundo, inclusive nas cidades-sedes. A mídia americana não destacava a copa nas principais manchetes. Os torcedores estrangeiros era chamados de "soccer people" pelos locais.

A mascote da Copa se chamava "Striker" e era um cachorro sorridente, vestido com um uniforme que tinha as cores da bandeira americana. O simpático bichinho foi criado pela Warner e fez sucesso. O jogo de abertura aconteceu no dia 17 de junho, no estádio Soldier Field, em Chicago, com a presença de mais de 56 mil pessoas para assistir à partida entre Alemanha e Bolívia, vencida pelos alemães com um magro 1 x 0.

A conexão com os americanos trouxe alguns progressos para o futebol, especialmente nas transmissões dos jogos. Com uma escola televisiva bem-sucedidas no basquete (NBA) e no futebol americano (NFL), a rede ABC, detentora dos direitos de transmissão, inovou com a colocação de mais câmeras e microcâmeras, trazendo detalhes dos lances e jogadas. Também havia o cronômetro, mostrando o tempo do jogo, no sinal enviado às televisões brasileiras – o que era, por incrível que pareça, uma novidade por aqui.

Cerimônia de encerramento momentos antes da final da Copa no estádio Rose Bowl

**ROSE BOWL**
Pasadena - Califórnia
capacidade: 94 mil

**STANFORD**
São Francisco - Califórnia
capacidade: 80 mil

**PONTIAC SILVERDOME**
Pontiac - Michigan
capacidade: 76 mil

**GIANT**
Bergen - Nova Jersey
capacidade: 76 mil

**COTTON BOWL**
Dallas - Texas
capacidade: 64 mil

**SOLDIER FIELD**
Chicago - Illinois
capacidade: 63 mil

**CITRUS BOWL**
Orlando - Flórida
capacidade: 61 mil

**FOXBORO**
Foxboro - Boston
capacidade: 54 mil

**ROBERT F. KENNEDY MEMORIAL STADIUM**
Washington - D.C.
capacidade: 53 mil

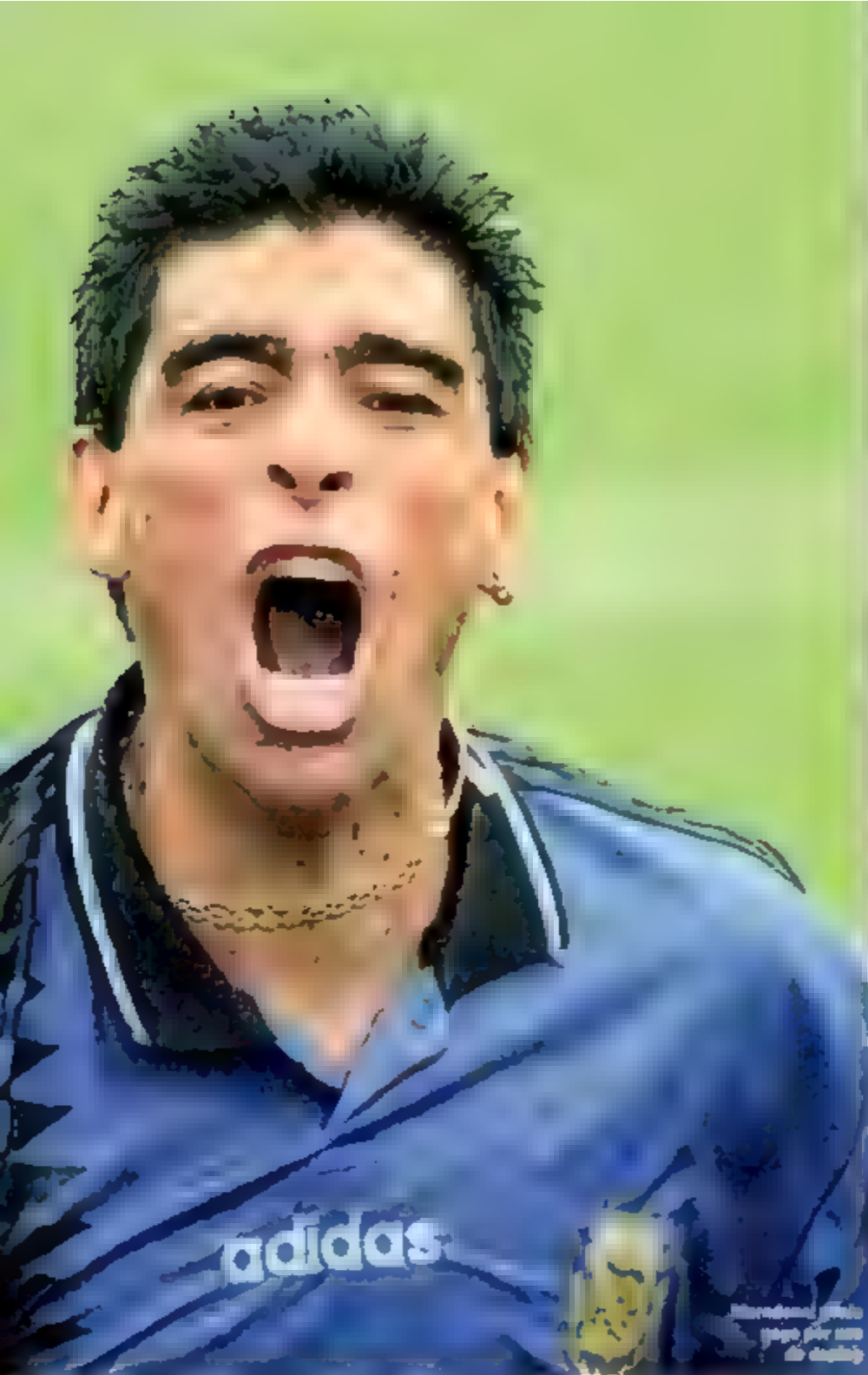
# AS ESTRELAS DA COPA

**Com exceção do francês Papin e do inglês Lineker, com seleções ausentes, o mundial norte-americano contou com craques de ponta, como Hagi, Matthaus, Stoichkov, Baresi, Baggio, Bergkamp e Maradona**

O início dos anos 1990 ficou marcado no futebol europeu pela força do futebol italiano (principalmente do Milan), o ressurgimento do Barcelona, que ganhou a Liga dos Campeões em 1992, e o enfraquecimento do futebol inglês, com os clubes suspensos da Champions após a briga na final de 1985 e a eliminação da seleção inglesa nas Eliminatórias. O futebol francês, com o Olympique de Marselha, ganhava destaque também, mas a seleção vivia um mau momento, ficando também de fora do mundial – foi eliminada pela Bulgária, em casa, com um gol no último minuto. Assim, craques como o centroavante inglês Lineker, destaque nas Copas de 1986 e 1990, e o atacante francês Papin acabaram de fora daquele mundial.

Por outro lado, a Copa dos Estados Unidos pôde contar, além dos brasileiros, com craques que brilhavam nos grandes da Europa e que, em muitos casos, também se sobressaíram no mundial. Entre eles, o meia atacante búlgaro Stoichkov, astro do Barcelona campeão da Champions de 1992 e vice de 1994, eleito nos dois anos como o segundo melhor jogador pela Fifa. Outro destaque na Copa vindo de uma seleção do Leste Europeu foi o meia romeno Hagi, semifinalista da antiga Copa dos Campeões pelo Steaua Bucareste em 1988 e vice em 1989, e que estava no Brescia-ITA após duas temporadas no Real Madrid.

Grande nome da Copa, Hagi depois do mundial foi contratado pelo Barcelona. O alemão Lothar Matthäus, campeão da Copa de 1990 e eleito o melhor jogador do mundo em 1991, vinha como estrela do Bayern Munique. Outro alemão, o centroavante Klinsmann, então no Monaco-FRA, foi outro que chegou em alta para a Copa. Os dois, porém, acabaram decepcionando na competição, assim como a seleção alemã, que caiu nas quartas sem jogar um bom futebol. Da Espanha, os destaques eram o goleiro Zubizarreta, os zagueiros Guardiola e Hierro e o meia Luis Enrique, mas todos acabaram fazendo um mundial discreto. Da Itália, os grandes nomes eram o atacante Roberto Baggio, eleito melhor jogador do mundo em 1993, atuando pela Juventus, e os zagueiros Maldini e Baresi, do Milan. Da Holanda, os principais eram o zagueiro Koeman (do Barcelona), o meia Bergkamp (da Internazionale) e o volante Rijkaard (que havia voltado ao Ajax após ótima passagem pelo Milan).

Já do futebol sul-americano, os destaques eram os colombianos Valderrama (meia do Junior Barranquilla-COL), Freddy Rincón (volante do Palmeiras) e Faustino Asprilla (atacante do Parma-ITA), eleito o sexto melhor jogador do mundo pela Fifa em 1993, além dos argentinos Caniggia (da Roma-ITA), Batistuta (da Fiorentina-ITA), Simeone (do Sevilla-ESP) e o gênio Maradona. Aos 33 anos, já em fim da carreira, o meia estava atuando no Newell's Old Boys após uma temporada discreta pelo Sevilla-ESP. Fora da forma física ideal, Dieguito acabou se destacando no jogo contra a Grécia, na primeira fase, mas acabou decepcionando ao ser pego no exame antidoping.

## A COPA COMEÇA SURPREENDENDO, COM ESTÁDIOS LOTADOS E BONS JOGOS, FAZENDO ESQUECER A COPA CHATA DE 1990. O BRASIL, APÓS UM FRACO DESEMPENHO NAS ELIMINATÓRIAS, ESTREIA COM DESCONFIANÇA

Romário dava pinta de que seria o "salvador da pátria". A estreia com gol diante dos russos foi só o começo da trajetória goleadora do craque na Copa dos Estados Unidos

# A COPA DAS COPAS

Com a maior média de público da história (68 991), o mundial de 1994 surpreendeu com jogos bons e equilibrados e muita emoção – e um tornou-se um marco para uma geração após o pobre futebol de 1990

Apesar de os Estados Unidos não serem até então um país com tradição no futebol, a primeira Copa do Mundo realizada por lá foi um sucesso de público. Com média de quase 70 mil torcedores por jogo e uma ótima organização, o mundial contou também com jogos emocionantes, apagando a má impressão deixada após a Copa de 1990, na Itália. Na Copa de 1994, foram 2,71 gols por partida, ante 2,21 do mundial anterior. Além disso, as zebras deram o ar da graça com um futebol alegre, como as surpreendentes Romênia, Bulgária e Suécia.

Última Copa a contar com apenas 24 seleções, a de 1994 ainda tinha seis grupos com quatro seleções e vaga para os quatro melhores terceiros colocados. Na estreia, a campeã Alemanha, que voltou a jogar como país unificado, venceu a Bolívia por 1 x 0, com um futebol fraco, dando mostras do que viria pela frente. Ainda no Grupo C, a Espanha abriu 2 x 0 sobre a Coreia do Sul, mas cedeu o empate nos minutos finais. Na primeira rodada, outros resultados surpreendentes foram a derrota da Colômbia para a Romênia por 3 x 1 e da Itália para a Irlanda por 1 x 0. A seleção colombiana, que venceu a Argentina por 5 x 0 em Buenos Aires, nas Eliminatórias, um ano antes, era apontada como grande candidata a maior surpresa da Copa, mas decepcionou logo de cara. Na segunda rodada, perderam para os Estados Unidos e deram adeus ao mundial. Outra seleção que deixou a desejar e caiu cedo foi a estreante Grécia, que havia se classificado de forma invicta, mas que perdeu seus dois primeiros jogos por 4 x 0. Já a Argentina, que se classificou na repescagem com dificuldades contra a Austrália, mostrou sua força nos dois primeiros jogos, goleando a Grécia, com três gols de Batistuta e um de Maradona, e batendo a Nigéria por 2 x 1. Já classificada e sem Maradona, suspenso da Copa após ser pego no exame antidoping na estreia, a seleção argentina perdeu para a Bulgária no último jogo, terminando em terceira no Grupo D. Ainda na primeira fase, outros destaques foram o russo Salenko, que marcou cinco gols na vitória por 6 x 1 sobre Camarões, e o saudita Al-Owairan, que marcou o gol mais bonito da Copa contra a Bélgica, na vitória por 1 x 0, após uma linda arrancada. O camaronês Milla, aos 42 anos, foi outro que fez história ao se tornar o mais velho a marcar um gol e também a entrar em campo – só foi superado depois, em 2014, por Mondragon.

No jogo da Bélgica (camisa vermelha), o saudita Al-Owairan (camisa 10) marcou um golaço driblando meio time belga de antes do meio campo até a grande área

# ★★★★ PRIMEIRA FASE

## GRUPO A

EUA · COLÔMBIA · SUÍÇA · ROMÊNIA

18/6 EUA 1 x 1 Suíça
18/6 Colômbia 1 x 3 Romênia
22/6 Romênia 1 x 4 Suíça
22/6 EUA 2 x 1 Colômbia
26/6 Romênia 1 x 0 EUA
26/6 Suíça 0 x 2 Colômbia

| | | PG | J | V | E | D | GP | GC | S |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1º | Romênia | 6 | 3 | 2 | 0 | 1 | 5 | 5 | 0 |
| 2º | Suíça | 4 | 3 | 1 | 1 | 1 | 5 | 4 | 1 |
| 3º | EUA | 4 | 3 | 1 | 1 | 1 | 3 | 3 | 0 |
| 4º | Colômbia | 3 | 3 | 1 | 0 | 2 | 4 | 5 | 1 |

## GRUPO B

CAMARÕES · SUÉCIA · BRASIL · RUSSIA

19/6 Camarões 2 x 2 Suécia
20/6 Brasil 2 x 0 Rússia
24/6 Brasil 3 x 0 Camarões
24/6 Suécia 3 x 1 Rússia
28/6 Rússia 6 x 1 Camarões
28/6 Brasil 1 x 1 Suécia

| | | PG | J | V | E | D | GP | GC | S |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Brasil | 7 | 3 | 2 | 1 | 0 | 6 | 1 | 5 |
| 2º | Suécia | 5 | 3 | 1 | 2 | 0 | 6 | 4 | 2 |
| 3º | Rússia | 3 | 3 | 1 | 0 | 2 | 7 | 6 | 1 |
| 4º | Camarões | 0 | 3 | 0 | 1 | 2 | 3 | 11 | -8 |

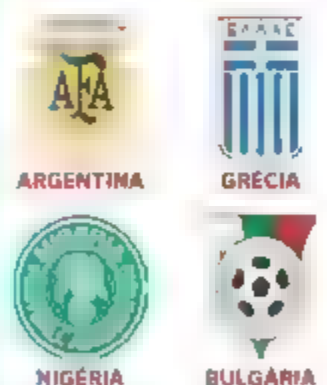
## GRUPO C

ALEMANHA · BOLIVIA · ESPANHA · COREIA DO SUL

17/6 Alemanha 1 x 0 Bolívia
17/6 Espanha 2 x 2 Coreia do Sul
21/6 Alemanha 1 x 1 Espanha
23/6 Coreia do Sul 1 x 1 Bolívia
27/6 Bolívia 1 x 3 Espanha
27/6 Alemanha 3 x 2 Coreia do Sul

| | | PG | J | V | E | D | GP | GC | S |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Alemanha | 7 | 3 | 2 | 1 | 0 | 5 | 3 | 2 |
| 2º | Espanha | 5 | 3 | 1 | 2 | 0 | 6 | 4 | 2 |
| 3º | Coreia do Sul | 2 | 3 | 0 | 2 | 1 | 4 | 5 | 1 |
| 4º | Bolívia | 1 | 3 | 0 | 1 | 2 | 1 | 4 | -3 |

## GRUPO D

ARGENTINA · GRÉCIA · NIGÉRIA · BULGÁRIA

21/6 Argentina 4 x 0 Grécia
21/6 Nigéria 3 x 0 Bulgária
25/6 Argentina 2 x 1 Nigéria
26/6 Bulgária 4 x 0 Grécia
30/6 Grécia 0 x 2 Nigéria
30/6 Argentina 0 x 2 Bulgária

| | | PG | J | V | E | D | GP | GC | S |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1º | Nigéria | 6 | 3 | 2 | 0 | 1 | 6 | 2 | 4 |
| 2º | Bulgária | 6 | 3 | 2 | 0 | 1 | 6 | 3 | 3 |
| 3º | Argentina | 6 | 3 | 2 | 0 | 1 | 6 | 3 | 3 |
| 4º | Grécia | 0 | 3 | 0 | 0 | 3 | 0 | 10 | -10 |

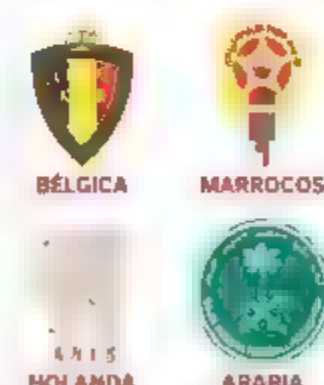
## GRUPO E

ITÁLIA · IRLANDA · NORUEGA · MÉXICO

18/6 Itália 0 x 1 Irlanda
19/6 Noruega 1 x 0 México
23/6I Itália 2 x 1 Noruega
24/6 México 1 x 0 Irlanda
28/6 Irlanda 0 x 0 Noruega
28/6 Itália 1 x 1 México

| | | PG | J | V | E | D | GP | GC | S |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1º | México | 4 | 3 | 1 | 1 | 1 | 3 | 3 | 0 |
| 2º | Irlanda | 4 | 3 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 0 |
| 3º | Itália | 4 | 3 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 0 |
| 4º | Noruega | 4 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 |

## GRUPO F

BÉLGICA · MARROCOS · HOLANDA · ARABIA SALDITA

19/6 Bélgica 1 x 0 Marrocos
20/6 Holanda 2 x 1 Arábia Saudita
25/6 Bélgica 1 x 0 Holanda
25/6 A. Saudita 2 x 1 Marrocos
29/6 Marrocos 1 x 2 Holanda
29/6 Bélgica 0 x 1 Arábia Saudita

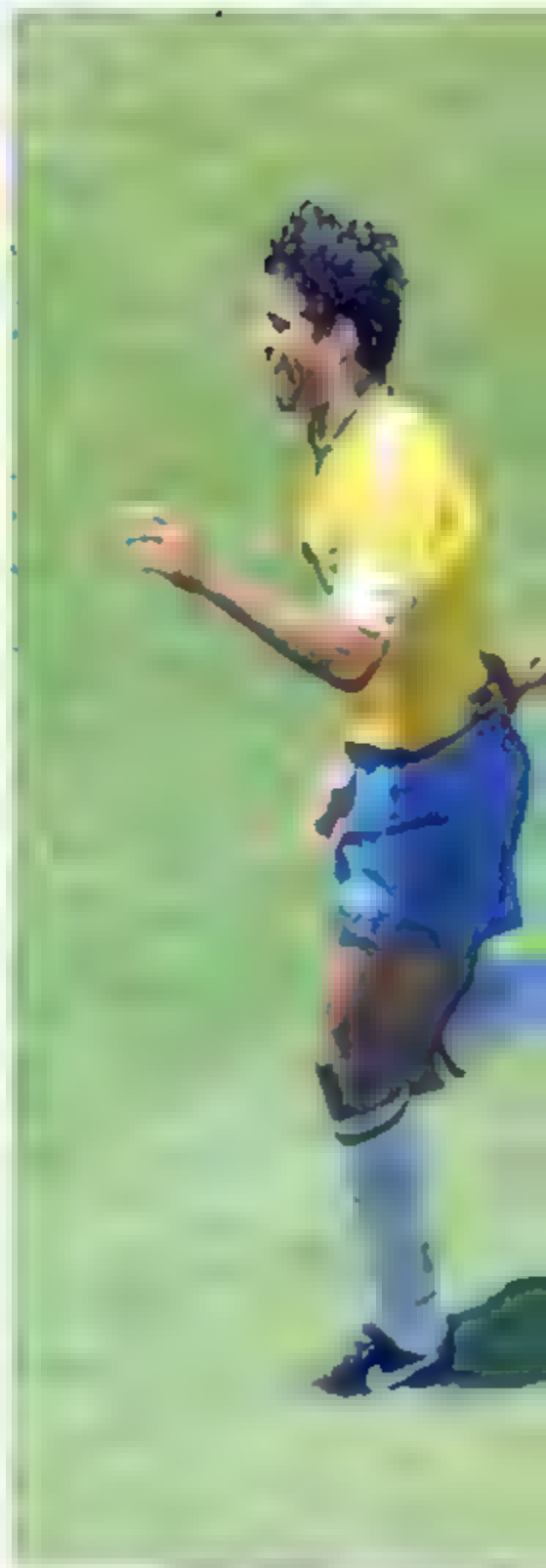
| | | PG | J | V | E | D | GP | GC | S |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1º | Holanda | 6 | 3 | 2 | 0 | 1 | 4 | 3 | 1 |
| 2º | A. Saudita | 6 | 3 | 2 | 0 | 1 | 4 | 3 | 1 |
| 3º | Bélgica | 6 | 3 | 2 | 0 | 1 | 2 | 1 | 1 |
| 4º | Marrocos | 0 | 3 | 0 | 0 | 3 | 2 | 5 | 3 |

★★★★ PRIMEIRA FASE

# BRASIL

# COMEÇOU DANDO CERTO

**Sem sofrimento, seleção garante a classificação após vencer os dois primeiros jogos e depois confirma o primeiro lugar do grupo com um empate contra a Suécia**

Tranquila após a classificação para a Copa do Mundo, a seleção brasileira entrou em 1994 procurando dar ritmo ao time que já estava na cabeça de Parreira com Taffarel, Jorginho, Ricardo Gomes, Ricardo Rocha e Leonardo; Mauro Silva, Dunga, Raí e Zinho; Bebeto e Romário. No primeiro amistoso do ano, vitória por 2 x 0 sobre a Argentina, no Recife, ainda sem vários dos titulares. Depois, empate contra o PSG (0 x 0), vitória sobre a Islândia (3 x 0), em Florianópolis, antes da ida para os Estados Unidos. Em solo norte-americano, o Brasil empatou com o Canadá (1 x 1) e goleou Honduras (8 x 2) e El Salvador (4 x 0) antes da estreia. Nesses amistosos, porém, o capitão Ricardo Gomes sentiu uma lesão e precisou ser cortado, sendo substituído por Ronaldão na lista final. Com tudo pronto, o Brasil estreou em São Francisco sem Ricardo Gomes e com Márcio Santos no time titular, tendo Raí como capitão com a camisa 10. Após um início complicado, sem conseguir avançar para o campo adversário até os 4 minutos, a seleção brasileira se soltou. Primeiro com Romário, após lançamento de Bebeto. Depois, com Bebeto, que bateu por cima após cruzamento de Dunga. Sem levar sustos atrás, o Brasil abriu então o placar aos 26 minutos, com Romário aproveitando um escanteio de Bebeto e batendo de biquinho, rasteiro, na entrada da pequena área. No final do primeiro tempo, Romário sofre pênalti claro de Ternavski, que é ignorado pelo árbitro An-Yan Chong, das Ilhas Maurício. Mas no início do segundo tempo o juiz acertou e marcou o pênalti sobre Romário, que deu uma caneta no primeiro zagueiro e depois foi derrubado por Nikiforov. Na cobrança, Raí, que fez uma partida apagada, bateu bem, no canto direito, e fez 2 x 0. Com boa vantagem, a seleção diminuiu o ritmo, mas teve chance de ampliar, principalmente com Bebeto, que parou no goleiro Kharin. Aos 30 minutos, o zagueiro Ricardo Rocha sentiu uma fisgada na coxa e foi substituído por Aldair. Infelizmente, para ele, a Copa acabava ali. "Chorei muito. Participei de toda a fase eliminatória, me preparei para a Copa, mas não deu. A estreia foi tensa, como sempre, por mais experiente que fosse aquele elenco, mas vencemos bem", relembra Ricardo Rocha, que era um dos líderes da equipe e que foi quem teve a ideia de os atletas entrarem de mãos dadas no jogo das Eliminatórias contra a Bolívia, para mostrar a união do grupo, gesto que ficou marcado na seleção de 1994.

Na estreia contra a Rússia, Raí, então titular, marca o segundo do Brasil e seu primeiro gol em uma Copa do Mundo. Depois perderia a posição nas mexidas de Parreira

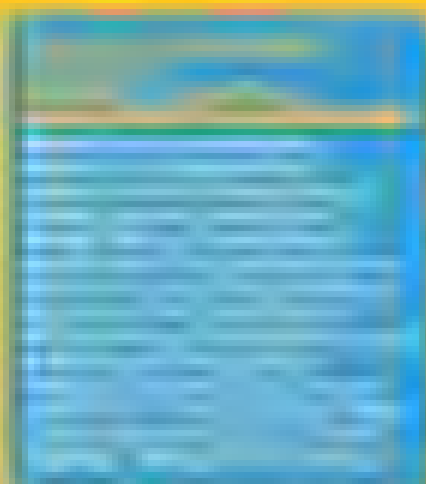
© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Quem segurava o "Baixinho"? Nem os três camaroneses aí da foto conseguiram

# VITÓRIA E CLASSIFICAÇÃO NO SEGUNDO JOGO

Quatro dias após sua estreia, o Brasil voltou a campo no mesmo estádio, em São Francisco, e com a única alteração já prevista, com Aldair no lugar do lesionado Ricardo Rocha. Contra a seleção de Camarões, que havia empatado na estreia contra a Suécia (2 x 2), a seleção precisava de uma vitória para assegurar a classificação. Assim, a equipe de Parreira foi logo para cima. Mas o gol só saiu no fim do primeiro tempo. Aos 39 minutos, Dunga roubou uma bola no meio-campo e lançou Romário, que ganhou na corrida de três defensores e tocou na saída do goleiro Bell, por baixo, ao seu melhor estilo. No segundo tempo, o Brasil seguiu muito superior em campo e ampliou o placar. Aos 21 minutos, após um escanteio, Jorginho pegou um rebote e cruzou na medida para Márcio Santos marcar de cabeça. O zagueiro, aliás, que havia estreado bem, voltou a fazer uma grande partida, mostrando ser uma grata surpresa. Pouco depois, aos 28, Romário entrou na área, limpou o zagueiro, mas parou no goleiro Bell. No rebote, Bebeto, oportunista, marcou nosso terceiro gol. Com a vitória garantida, Parreira colocou Paulo Sérgio no lugar de Zinho, aos 30, e depois Muller no lugar de Raí, aos 36. Os dois meias, até então, vinham sendo os mais criticados pela imprensa.

# JOGO MORNO E LIDERANÇA GARANTIDA

Já classificado, o Brasil foi para o terceiro jogo, em Detroit, jogando de azul e com o mesmo time titular que venceu a Rússia na segunda rodada. Contra a Suécia, que vinha de vitória de virada sobre a Rússia por 3 x 1, o Brasil precisava de um empate para assegurar a liderança do Grupo C. Por causa disso e também da qualidade do time europeu, a partida acabou sendo bem diferente das anteriores, com o Brasil criando menos e levando ainda um susto, quando logo aos 23 minutos o grandalhão centroavante Kennet Andersson fez 1 x 0. Após boa jogada do talentoso Brolin, meia do Parma-ITA, o atacante recebeu na esquerda, já dentro da área, e tocou por cima, encobrindo Taffarel. Mesmo sendo contar com um de seus melhores jogadores, o meia Dahlin, a Suécia continuou dando trabalho, principalmente com o veloz ponta direita Larsson. Mas no comecinho do segundo tempo, logo no primeiro minuto, o Brasil empatou o jogo. Após jogada de Zinho, Romário recebeu na entrada da área, deu uma ótima arrancada e tocou de bico, no canto esquerdo do goleiro. Mais tranquilo em campo, o Brasil melhorou na etapa final com Mazinho no lugar de Mauro Silva, e só não ampliou porque parou no goleiro Ravelli. Raí, outra vez apagado, foi substituído por Paulo Sérgio no segundo tempo e viu sua titularidade cair.

**No empate com a Suécia, Jorginho e Bebeto sem saber ensaiaram como surpreender a seleção escandinava lá na semifinal novamente: jogo sem grandes riscos**

# AS OIT

## PARA NÓS, A SEGUNDA FASE DA COPA DO MUNDO FOI UM SUFOCO. PEGAMOS OS DONOS DA CASA NUM JOGO DURÍSSIMO, MAS PASSAMOS. ITÁLIA E ALEMANHA TAMBÉM PASSARAM COM SOFRIMENTO E A ARGENTINA DISSE ADEUS À COPA

A vitória suada sobre os americanos assustou a torcida. Bebeto nos salvou, mas ficamos apreensivos com a expulsão de Leonardo após cotovelada num adversário

ROMÊNIA 3 X 2 ARGENTINA / ARÁBIA SAUDITA 1 X 3 SUÉCIA / HOLANDA 2 X 0 IRLANDA
MÉXICO 1 (1) X (3) 1 BULGÁRIA / ALEMANHA 3 X 2 BÉLGICA / NIGÉRIA 1 X 2 ITÁLIA / ESPANHA 3 X 0 SUÍÇA

# ARGENTINA E MÉXICO CAEM PARA AS ZEBRAS

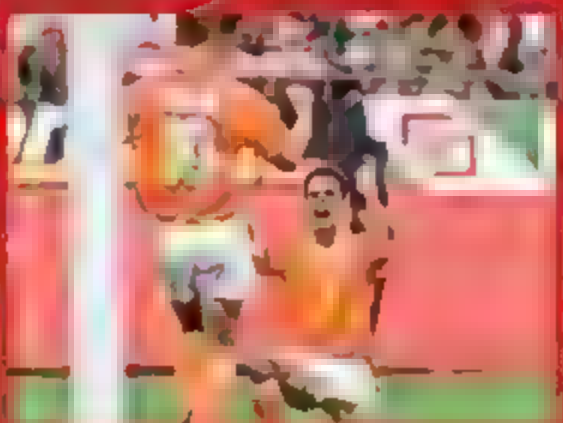
**Dos oito confrontos das oitavas, seis favoritos confirmaram suas classificações – alguns no aperto, como Brasil, Alemanha e Itália. Já Argentina e México caíram para os azarões**

Passada a fase de grupos, 16 das 24 seleções participantes da Copa de 1994 foram para as oitavas de final, que ficou marcada por ótimos e disputados confrontos. No primeiro dia, a campeã Alemanha, que havia feito uma primeira fase modesta, venceu bem a Bélgica, do goleiro Preud'Homme, eleito o melhor da Copa – mesmo saindo nas oitavas. Com dois gols de Völler e um de Klinsmann ainda no primeiro tempo, os alemães garantiram a vaga com um 3 x 2, levando um gol nos minutos finais. No outro jogo do dia, a Espanha atropelou a Suíça com um 3 x 0, com gols do zagueiro Hierro, do meia Luis Enrique e do atacante Begiristain.

No dia 3 de julho, a Suécia, que havia arrancado um empate contra o Brasil, mostrou sua boa fase e bateu a Arábia Saudita por 3 x 1, com gols de Dahlin e Kennet Andersson. No mesmo dia, a primeira zebra das oitavas apareceu, com a Romênia despachando a Argentina. Após abrir o placar com Dumitrescu, logo aos 11 minutos, a seleção do Leste Europeu levou o gol de empate de Batistuta, de pênalti, aos 16 minutos. Mas dois minutos depois Dumitrescu recolocou os romenos em vantagem. Na segunda etapa, aos 13 minutos, o craque Hagi ampliou. Aos 30, Balbo diminuiu para a Argentina, que não teve forças para empatar. Final: 3 x 2, e adiós à Copa depois de duas finais seguidas.

Já no dia 4 de julho, a Holanda também confirmou seu favoritismo e passou bem pela Irlanda, que havia surpreendido a Itália na primeira fase. Bergkamp e Jonk marcaram no primeiro tempo, colocando o time holandês no caminho da seleção brasileira. E no último dia das oitavas a Itália conseguiu a classificação de forma dramática. Depois de sair perdendo para a Nigéria, com um gol de Amunike aos 25 minutos do primeiro tempo, o time do técnico Arrigo Sacchi só conseguiu o empate aos 43 minutos da etapa final, com Roberto Baggio. Na prorrogação, o mesmo Baggio, aos 12 minutos do primeiro tempo, virou o jogo, garantindo a Azzurra nas quartas. Fechando as oitavas, México e Bulgária empataram por 1 x 1 e levaram a decisão para os pênaltis, com vitória da seleção búlgara, de Stoichkov.

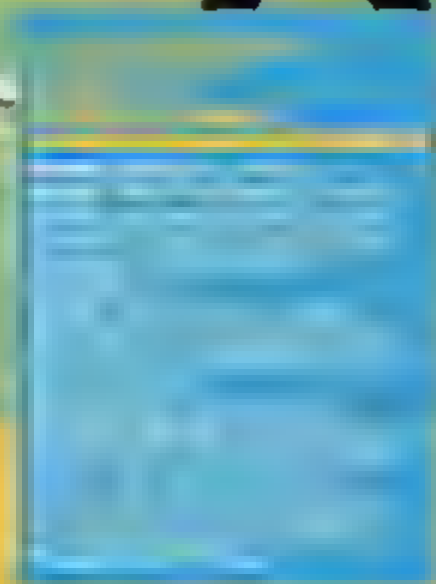
A Alemanha de Matthias Sammer garantiu a vaga ao vencer a Bélgica por 3 x 2 em jogo disputado, com pressão dos belgas no fim da partida, quando encostaram no marcador

OITAVAS DE FINAL

BRASIL 1 x 0 EUA

# BEBETO DESPACHA OS ANFITRIÕES

**No dia da celebração da independência dos Estados Unidos, a seleção brasileira sofre após a expulsão de Leonardo, mas acaba conseguindo a classificação com o brilho dos seus atacantes**

Após a primeira fase, o técnico Parreira fez uma alteração no time titular, colocando o volante Mazinho no lugar do meia Raí, que havia produzido pouco nos três jogos iniciais. Com um poder de marcação maior, a seleção conseguiu se fortalecer defensivamente e, apesar de contar com apenas um meia, conseguiu manter sua força ofensiva. Muito devido à ótima fase da dupla de ataque Bebeto e Romário. Diante de um adversário empolgado por sediar a Copa e fazer um jogo decisivo na comemoração do tradicional 4 de julho, o dia de sua independência, a seleção brasileira acabou levando alguns sustos. No início da partida, uma bola cruzada do volante Dooley passou raspando no gol de Taffarel. Porém, passada a empolgação inicial, só deu Brasil, que teve pelo menos três grandes chances de abrir o placar com Bebeto e Márcio Santos, em chutes que passaram rente ao gol de Tony Meola, e Romário, que acertou a trave. No final do primeiro tempo, aos 43 minutos, numa disputa de bola na lateral esquerda, o brasileiro Leonardo tentou se livrar da marcação de Tab Ramos e acertou uma cotovelada no adversário, sendo expulso diretamente pelo árbitro francês Joel Quiniou. Com um a menos, Parreira deslocou Mazinho para a lateral, mas apesar disso o time brasileiro seguiu melhor em campo. No segundo tempo, Romário perdeu duas ótimas chances. Uma após cruzamento de Jorginho, quando Lalas tirou em cima da linha, e outra após driblar Meola e chutar para fora. Aos 23 minutos, Parreira colocou Cafu no lugar de Zinho, para dar gás novo à equipe no forte calor de São Francisco. Pouco depois, aos 27 minutos, após uma grande arrancada, Romário deu uma assistência para Bebeto, que bateu cruzado, mansamente, no canto direito de Meola. Dupla que brilhou na conquista da Copa América de 1989, Bebeto e Romário mostravam uma sintonia incrível no Mundial. No final da partida, amplamente dominada pelo Brasil, o Baixinho ainda teve uma outra chance clara, mas bateu em cima do goleiro Meola. Final de jogo, Brasil 1 x 0 e vaga garantida para as quartas depois de oito anos.

A dupla salvadora comandou o ataque e garantiu o Brasil nas quartas. Em ótima assistência de Romário, Bebeto não bobeou e finalizou, fazendo o gol da vitória brasileira

Mazinho foi improvisado na lateral, após a expulsão de Leonardo, que deu uma cotovelada violenta no americano Tab Ramos, deixando o campo e o mundial em definitivo. Bebeto garantiu a vitória

COM GRANDES JOGOS, BRASIL E ITÁLIA SE EQUILIBRAM E RUMAM FORTE ÀS SEMIFINAIS. A ALEMANHA CAI DIANTE DA ZEBRA BULGÁRIA E A SUÉCIA PASSA PELA ROMÊNIA, GANHANDO O "PRESENTE" DE ENFRENTAR O BRASIL DE NOVO NA COMPETIÇÃO

Ao comemorar o segundo gol brasileiro contra a Holanda, Bebeto, em partida brilhante, presta homenagem ao filho Matheus, que acabara de nascer

# ARTAS

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ITÁLIA 2 x 1 ESPANHA / BULGÁRIA 2 x 1 ALEMANHA / ROMÊNIA 2 (4) x 2 (5) SUÉCIA

# DOIS GIGANTES E DUAS ZEBRAS

**Brasil e Itália, em duelos dificílimos contra Holanda e Espanha, respectivamente, garantiram vaga na semifinal. Já a zebra Bulgária despachou a Alemanha e a Suécia passou pela Romênia**

Como na Copa do Mundo de 1982, quando começou mal e depois cresceu na fase final, a Itália voltou a arrancar uma vitória ao seu estilo, com toda dramaticidade. Contra o bom time da Espanha, dirigido por Javier Clemente, a Azzurra saiu na frente, com um gol de Dino Baggio, logo aos 25 minutos de jogo. Na segunda etapa, levou o empate com um gol de Caminero, aos 13 minutos. Após levar uma pressão dos espanhóis, a Itália conseguiu um gol salvador, com Roberto Baggio, aos 43 minutos, evitando a prorrogação. Nos acréscimos, a Fúria ainda foi prejudica por um pênalti de Tassotti em Luis Enrique não marcado pela arbitragem.

Pela frente, a seleção italiana teria então a surpreendente Bulgária, do técnico Dimitar Penev e com o craque Stoichkov voando. Depois de vencer na primeira fase a Argentina, vice-campeã de 1990, por 2 x 0, a seleção búlgara virou para cima da campeã Alemanha nas quartas e conquistou sua primeira e única classificação para uma semifinal de Copa do Mundo. Após sofrer um gol de pênalti de Matthaus, aos 2 minutos do segundo tempo, a Bulgária foi para cima dos alemães e empatou o jogo aos 30 minutos com Stoichkov. Três minutos depois, virou o jogo com Lechkov, um dos destaques da equipe no mundial, fechando o placar em 2 x 1, para desespero do técnico Berti Vogts, que viu a Alemanha cair diante de uma zebra após chegar a três finais seguidas de Copa.

Já o adversário do Brasil saiu após um jogo muito equilibrado entre outras duas seleções que também surpreenderam no mundial dos Estados Unidos. Após o empate no tempo normal por 1 x 1, com gols no finalzinho da partida – Brolin para a Suécia aos 33 e Raduciou para a Romênia aos 43 minutos –, o confronto entre as seleções europeias foi para a prorrogação. Nela, Raduciou marcou de novo e virou o jogo aos 11 minutos do primeiro tempo. Quatro minutos depois, o bom centroavante Kennet Andersson empatou, marcando seu quarto gol na Copa. Nos pênaltis, a Suécia saiu atrás, mas depois conseguiu a vitória por 5 x 4, caindo novamente no caminho do Brasil.

Na disputa de penalidades, a Suécia, do goleiro Ravanelli, derrotou a Romênia, que era favorita no jogo e tinha o craque Hagi em excelente forma

QUARTAS DE FINAL

# BRASIL 3 x 2 HOLANDA

# BRANCO, QUEM DIRIA, RESOLVEU

**Após abrir 2 x 0 no placar, com gols dos endiabrados Bebeto e Romário, a seleção brasileira vacilou, levou o empate e, com um golaço de falta do contestado Branco, venceu a temida Holanda**

Depois de quatro jogos, a seleção brasileira finalmente pegou pela frente um adversário de tradição em Copas: a Holanda, que nos eliminou no mundial de 1974, 20 anos antes. Mesmo sem contar com os craques da geração campeã da Euro de 1988, como Van Basten e Gullit, a seleção holandesa vinha com grandes nomes, como os craques Bergkamp e Rijkaard, o ótimo zagueiro Ronald Koeman, do Barcelona, o rápido ponta direita Marc Overmars e o meia Ronald de Boer. O Brasil, que havia perdido o lateral esquerdo Leonardo, expulso nas oitavas contra os Estados Unidos, vinha com o experiente Branco como alteração na equipe. Titular nas Copas do Mundo de 1986 e 1990, o lateral foi um dos mais criticados pela imprensa e torcedores em sua convocação, já que não atravessava uma boa fase física e técnica – e tinha ainda a sombra de Roberto Carlos, que vinha se destacando no Palmeiras. Para piorar, Branco teria pela frente o veloz Overmars. Mas, quando a bola rolou, o mundial viu um dos jogos mais emocionantes, talvez o melhor daquela Copa. No primeiro tempo, o equilíbrio prevaleceu. O Brasil, um pouco superior, criou duas boas chances, com Romário e Márcio Santos, numa cabeçada. A Holanda, com Bergkamp, levou perigo também na jogada aérea. Na segunda etapa, os torcedores presentes no Cotton Ball, em Dallas, viram um dos melhores jogos de Copa do Mundo. Aos 8 minutos, Aldair deu um lindo lançamento para Bebeto, na esquerda, que cruzou na medida para Romário, com um toque cirúrgico, de muita classe, acertar um biquinho, no alto, logo após a bola quicar. Pouco depois, Jorginho fez grande jogada e lançou Bebeto, que bateu cruzado, tirando tinta da trave. Já aos 18 minutos, após um lançamento errado do goleiro De Goej, Branco rebateu de cabeça. Romário, impedido, não vai na bola, e ela sobra para Bebeto, que dribla o zagueiro Valckx, o goleiro De Goej e marca. Na comemoração, faz o gesto de um pai balançando um bebê, homenagem ao filho Mattheus Oliveira – que em 2012 estreou no profissional do Flamengo e hoje atua no Vitória de Guimarães-POR. Dois minutos depois do 2 x 0, a defesa do Brasil deu mole e, após uma cobrança de lateral pela direita, Bergkamp aproveitou o vacilo de Márcio Santos e bateu no canto de Taffarel. Aos 30 minutos, Bergkamp tentou cruzar e a bola bateu da mão de Aldair. O árbitro ignorou e marcou escanteio. Na cobrança, Overmars cruzou na cabeça de Winter, que empatou. Cinco minutos depois, o Brasil voltou a ficar na frente. Branco sofreu uma falta na intermediária após jogada individual. Na co-

brança, ele bateu de três dedos, com curva. Romário se esticou todo para que a bola não batesse em suas costas e ela passou raspando seu traseiro, tocou o pé da trave, no canto esquerdo do goleiro, e entrou. Branco correu até o banco, apontando para Parreira e segurando o choro. Vitória garantida no talento, e o Brasil chegou à semifinal após três Copas.

Foram muitas pauladas de Branco no gol. A que teve destino certo encontraria Romário na trajetória, mas ele conseguiu se esquivar e liberar o caminho para a bola: gol e vitória

**Romário abriu o placar aos 5 minutos. Depois, Bebeto fez o segundo e consagrou a comemoração "balança nenêm" para a história do futebol**

© GETTY IMAGES

A HOLANDA FOI UM DURÍSSIMO ADVERSÁRIO. SAÍMOS NA FRENTE, MAS ELES EMPATARAM

# AS SEM

## UMA PEQUENA PALAVRA REPRESENTA O QUE SENTIMOS APÓS O JOGO DO BRASIL CONTRA A SUÉCIA: UFA! UMA DUREZA DE PARTIDA QUE NOS CONDUZIU DE VOLTA A UMA FINAL DE COPA APÓS 24 ANOS, PARA ENFRENTAR A MESMA ITÁLIA QUE VENCEMOS EM 1970

**Romário resolveu a partida em gol solitário. O "Baixinho", hoje senador, crê que a Copa de 1994 foi ele e mais dez. Os colegas de time discordam. Placar também**

© GETTY IMAGES

SEMIFINAIS

# ITÁLIA 2 x 1 BULGÁRIA

# BAGGIO GARANTE A AZZURRA

**Demorou, mas a Itália, em seu quinto jogo na Copa, conseguiu uma grande atuação e graças ao talento do seu principal atacante, fez 2 x 0 cedo, tirando a zebra Bulgária do caminho**

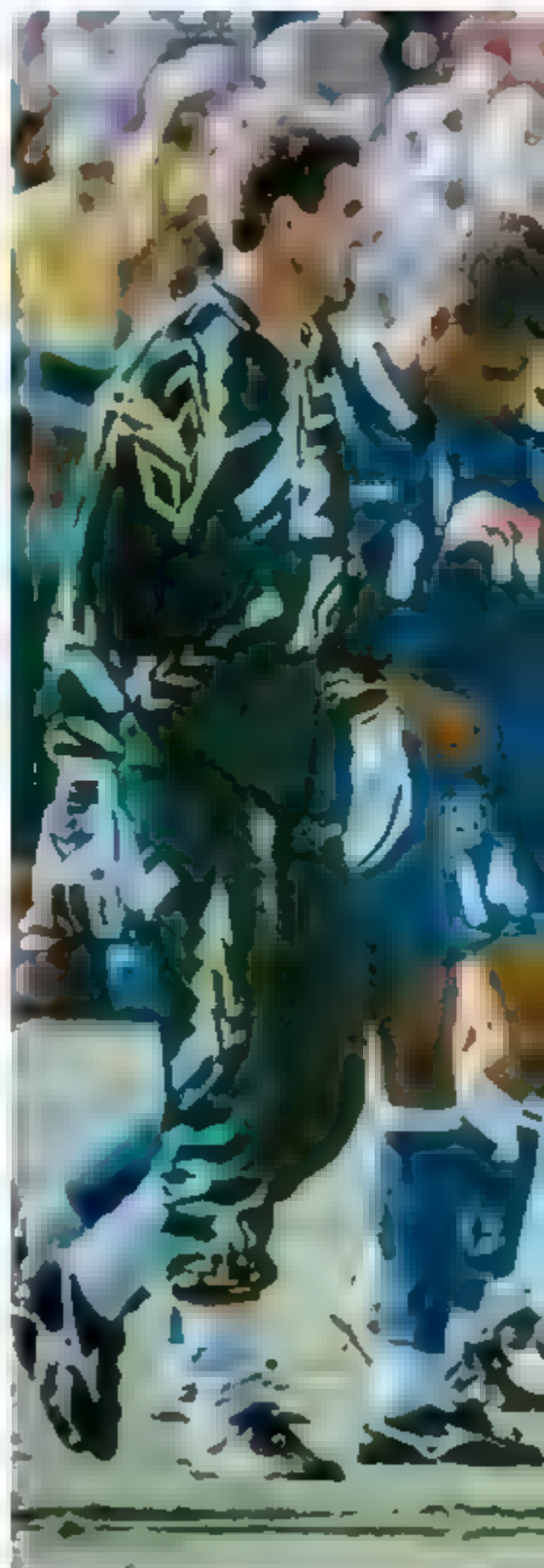
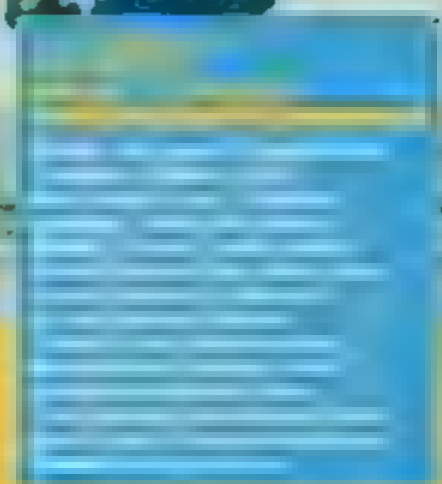
Depois de perder na estreia para a Irlanda (0 x 1), vencer a Noruega por um placar magro (1 x 0) e empatar com o México (1 x 1), a Itália conseguiu sua classificação para as quartas de final após passar suado pela Nigéria, com gol de empate no final e vitória na prorrogação. Depois, contra a Espanha, foi dominada por boa parte da partida, mas conseguiu um gol salvador nos minutos finais com o atacante Roberto Baggio. Na semifinal, o craque da Juventus foi novamente o herói da Azzurra, mas o time italiano acabou se classificando sem tanto sofrimento. Logo no início da partida, os tricampeões mundiais tomaram a iniciativa diante de uma Bulgária sem o mesmo índice de acerto dos jogos anteriores. Assim, aos 21 minutos, após uma cobrança de lateral, pela direita, Roberto Baggio passou por dois defensores, limpou a jogada e bateu cruzado, no canto esquerdo do goleiro Mihaylov. Quatro minutos depois, o atacante recebeu um lançamento pelo lado direito da grande área e bateu de primeira, cruzado, sem chance para o goleiro búlgaro. Festa italiana em East Rutherford e alívio do técnico Arrigo Sacchi, que voltou a explorar o melhor lado de sua seleção, de forte marcação. Ainda assim, apesar do domínio na partida, a Itália acabou levando um gol ainda no primeiro tempo, com Stoichkov, de pênalti, aos 44 minutos. O craque do Barcelona marcou seu sexto gol na Copa e garantiu a artilharia da competição. No segundo tempo, o time italiano apertou ainda mais a marcação e praticamente não deu chances para a seleção búlgara. Principalmente após a saída de Stoichkov, aos 33 minutos do segundo tempo – substituído por Genchev após mostrar cansaço. Final de jogo, Itália 2 x 1 e o desejado retorno a uma final de Copa do Mundo depois de 12 anos. Após perder a semifinal na Copa anterior, em casa, para a Argentina de Maradona, em Nápoles, a Itália voltou à decisão do torneio revivendo a final de 1970, no México, e com o sonho de se tornar a seleção com mais títulos na história dos mundiais.

Na hora da partida decisiva da semifinal, pesaram a camisa italiana e o craque Baggio, que marcou os dois gols da vitória sobre a Bulgária, afastando a chance da zebra da Copa

## BRASIL 1 x 0 SUÉCIA

# ROMÁRIO GARANTE O BRASIL

**Após 24 anos da conquista do tri no México, a seleção brasileira finalmente estava de volta à final da Copa, curiosamente contra o mesmo adversário – e graças, novamente, a um gol do Baixinho**

Depois do jogão das quartas contra a Holanda, a seleção brasileira se reencontrou com a seleção sueca, adversária na primeira fase, na semifinal. Única seleção a não perder para o Brasil no mundial de 1994 até então – arrancou um empate por 1 x 1 –, a Suécia tinha como ponto forte o seu sistema defensivo e a altura dos seus jogadores (eram 83 centímetros maiores na soma dos titulares). O centroavante Kennet Andersson, que havia marcado contra o Brasil e tinha quatro gols na Copa, era também outra preocupação para o time de Parreira, que vinha com a mesma formação do time que bateu a Holanda, com Branco como titular na lateral esquerda. Mas, ao contrário do que parecia, o Brasil não passou sufoco e dominou amplamente a partida, perdendo chances claras de gols. "Não seria exagero dizer que poderíamos ter vencido por goleada. O resultado justo seria 5 x 0. O goleiro deles pegou pra cacete. Se fossem três, quatro ou cinco, seria normal", relembra o zagueiro Ricardo Rocha. No primeiro tempo, foram quatro ótimas chances perdidas. Na primeira, Bebeto tocou para Zinho, que entrou rápido na área, mas bateu para fora, à esquerda do gol de Ravelli. Depois, Romário passou por dois zagueiros de uma vez só, driblou o goleiro e bateu para o gol, mas o zagueiro Björklund salvou quase em cima da linha. No rebote, ainda sem goleiro, Mazinho bateu de primeira, mas chutou incrivelmente na rede do lado de fora. Pouco depois, Bebeto acionou Romário, que tentou driblar Ravelli de novo, mas parou na defesa do goleiro. No segundo tempo, Parreira tirou o volante Mazinho e colocou o meia Raí para dar mais ofensividade à equipe, que seguiu pressionando. Aos 20 minutos, Zinho, muito bem na partida, acertou uma bomba de fora da área, mas parou numa linda defesa de Ravelli. Já aos 35 minutos, após muita insistência, finalmente saiu o goleiro brasileiro. Jorginho recebeu uma boa bola pela direita e fez um cruzamento preciso, no centro da área, encontrando Romário livre. O Baixinho nem precisou subir muito e só tocou de cabeça no canto esquerdo do goleiro Ravelli.

Todo o grupo brasileiro, comandado pelo técnico Carlos Alberto Parreira, sai de campo com a certeza de que a maior parte do caminho havia sido bem percorrido. Que venha a Itália!

# A FIN

## 24 ANOS DEPOIS DO TRI, NO MÉXICO, O BRASIL ERGUIA UMA TAÇA DO MUNDO, DESSA VEZ PELAS MÃOS DE DUNGA, O CAPITÃO DA EQUIPE. O TIME, QUE SAIU DO BRASIL CERCADO DE DESCONFIANÇAS, AOS POUCOS ACERTOU O RITMO E TROUXE O TETRA

Na hora da taça, uma explosão de alegria e de mágoas de Dunga. Atacou indiretamente os "inimigos" a imprensa, virou para os fotógrafos e cinegrafistas e gritou: "Traíras!"

# AL

© MARCOS ROSA

★★★★ FINAL

# BRASIL 0 (3) x 0 (2) ITÁLIA

**Com seu futebol pragmático e eficiente, a seleção brasileira de Romário, Bebeto, Dunga e Parreira conquistou a primeira Copa em uma decisão por pênaltis e se tornou a maior campeã**

Devido ao fuso horário, a Copa do Mundo de 1994 teve 27 dos 54 jogos começando entre 11h30 e 13h30, desgastando fisicamente os jogadores em temperaturas que passaram dos 30 graus. Na grande final entre as potências Brasil e Itália, que deixaram as zebras pelo caminho na semifinal, a partida começou às 12h30 sob o forte sol de Pasadena. Repetindo a final da Copa de 1970, no México, também na América do Norte, Brasil e Itália ostentavam equipes com fortes características defensivas e dois craques fora de série que estavam desequilibrando no mundial: Romário e Roberto Baggio. Mas com o forte calor e pelas características das duas seleções, a final acabou sendo morna. No primeiro tempo, o Brasil mostrou superioridade e atacou mais. Sua primeira chance de gol foi aos 20 minutos, quando Dunga cruzou e Romário cabeceou - Pagliuca fez uma defesa fácil. Jorginho, lesionado, deu lugar para o lateral Cafu logo em seguida. Pouco depois, Romário puxou um contra-ataque e abriu para Bebeto, na esquerda. Mas o atacante do La Coruña pegou mal na bola, chutando em cima de Maldini. A Itália respondeu no fim do primeiro tempo, quando Massaro recebeu lançamento, driblou Márcio Santos e bateu firme, parando na boa defesa de Taffarel. No segundo tempo, Mauro Silva arriscou um chute de fora da área, Pagliuca falhou ao tentar encaixar e a bola bateu caprichosamente na trave. Aos 30 minutos, Donadoni fez boa jogada pela direita e tocou para Roberto Baggio, que ajeitou e bateu por cima. No começo da prorrogação, Cafu, um dos melhores em campo, fez um ótimo cruzamento pela direita e Bebeto, livre, perdeu um gol incrível, pegando errado na bola. No rebote, Romário ainda tentou, mas teve o chute prensado pelo goleiro Pagliuca. No segundo tempo da prorrogação, já com Viola no lugar de Zinho, o Brasil criou uma jogada parecida com a anterior. Cafu cruzou rasteiro e Romário perdeu um gol, tocando, já caído, para fora, à esquerda. A Itália, nos contra-ataques, também assustava com Donadoni, Massaro e Roberto Baggio. Numa dessas jogadas, Baggio recebeu sozinho, cara a cara, mas bateu fraco, já sentindo o cansaço e as câimbras.

Nos pênaltis, a Itália começou a série de cobranças com o zagueiro Baresi. Mas o experiente jogador do Milan isolou a bola, mandando por cima do gol. Em seguida, outro zagueiro foi para cobrança e também perdeu. Márcio Santos bateu firme, no canto direito de Pagliuca, mas parou nas mãos do goleiro. Depois, Albertini converteu e fez Itália 1 x 0, sem chances para Taffarel, que pulou no canto oposto. Pelo Brasil, Romário também fez o seu e empatou a série, com a bola batendo ainda na trave direita de Pagliuca. Em seguida, Evani bateu forte, no meio do gol, no alto, e voltou a colocar a Azzurra em vantagem. Depois, Branco foi para a bola e surpreendeu, batendo colocada, no canto esquerdo de Pagliuca. "Ele me conhecia e sabia que costumava bater forte, no meio ou no canto direito", disse o lateral esquerdo. Com 2 x 2 no placar, foi a vez de Massaro ir para a cobrança. Na batida, Taffarel acertou o canto esquerdo e ➔

FINAL

# BRASIL 0 (3) x 0 (2) ITÁLIA

fez a defesa. Em seguida, o capitão Dunga foi para sua cobrança e bateu bem, firme, no canto esquerdo de Pagliuca, que nem saiu na foto. Brasil em vantagem por 3 x 2. Restava apenas uma cobrança para cada time. Roberto Baggio, craque e artilheiro da Azzurra, foi para a cobrança e mandou para fora, por cima. Fim de jogo! Vitória brasileira e título merecido, com a inesquecível da narração de Galvão Bueno na Rede Globo para milhões de torcedores brasileiros. "Acabou! Acabou! Acabou! É tetraaaaa! É tetraaaaaa! É tetraaaaaa! O Brasil é tetracampeão mundial de futebol!"

Criticada pelo futebol pragmático, sem o conhecido futebol arte, a seleção brasileira de Carlos Alberto Parreira deu a volta por cima e voltou coroada ao Brasil. Dunga, que virou símbolo da geração que fracassou na Copa de 1990, foi outro que voltou a ganhar o respeito. Capitão, o volante levantou a taça do tetra e aproveitou para alfinetar os críticos da imprensa, chamando-os de traíras. Romário, artilheiro da seleção e eleito o melhor jogador da Copa (e depois melhor do ano pela Fifa), foi o símbolo da conquista. Bebeto, Taffarel, Aldair, Mauro Silva, Márcio Santos, Zinho, Mazinho, Jorginho, Cafu, Branco, todos saíram da Copa também em outro patamar. Doze anos depois da dolorosa eliminação na Copa do Mundo de 1982, com a geração de Telê Santana que encantou o mundo, o Brasil deu o troco na Itália e se tornou a primeira seleção tetracampeã mundial. Festa dos jogadores no Rose Bowl, que fizeram uma bela homenagem ao piloto Ayrton Senna, morto num acidente dois meses antes, com uma enorme faixa e a reza no gramado.

A hora da festa: o grupo joga para cima o até então contestado técnico Carlos Alberto Parreira; alguns correm para abraçar o herói Taffarel, que defendeu uma das cobranças de pênalti italianas

# OS HERÓIS DO TETRA

Romario se declara o principal responsavel pelo sucesso do tetra, mas a equipe tinha muito mais que o Baixinho. Ele foi fundamental, sem duvida, mas nao se pode esquecer de Bebeto, Mazinho, Aldair, Marcio Santos, Dunga...

Peça fundamental na conquista do Tetra. Bastava lhe dar a bola, que ele resolvia. Nos momentos mais difíceis, o Baixinho foi decisivo. Na primeira fase, marcou um gol em cada jogo: na estreia contra a Rússia (o primeiro gol do Brasil na Copa), depois contra Camarões (o primeiro na vitória de 3 x 0) e contra a Suécia (o gol do empate em 1 x 1). Nas oitavas passou em branco, mas foi dele a assistência para Bebeto bater cruzado e marcar o gol da vitória. Nas quartas, fez o primeiro contra a Holanda e foi fundamental no comando de ataque, novamente com Bebeto. Na suada vitória da semifinal contra a Suécia, ele mais uma vez nos salvou. Na final, ninguém marcou no tempo normal, mas Romário deixou o seu nas cobranças de pênalti. Terminou como um dos artilheiros da competição, ao lado de Salenko, da Rússia, que marcou cinco também — mas todos em apenas um jogo. O craque jogou até 2008, quando atuou pelo Vasco. Parou um tempo e fez um charme defendendo o América (apenas uma partida), clube do coração do pai, em 2010. Atualmente é senador (Podemos), eleito pelo Rio de Janeiro. Com posições fortes, recentemente se recusou a participar das comemorações dos 25 anos do tetra, por serem organizadas pela CBF, de quem é crítico ferrenho.

O franzino atacante era muito habilidoso e tinha faro de gol. Foi o par perfeito de Romário na Copa. Marcou três vezes na competição. Jogava com alegria e para o time. Emotivo, ao comemorar seu gol contra a Holanda, nas quartas de final, eternizou para a história a comemoração ""embala neném", em homenagem a seu filho Matheus, recém-nascido. Jogador do La Coruña, na Espanha, dois anos depois do mundial voltou a atuar no Brasil, pelo Flamengo, clube que o consagrou. Ainda atuaria pelo Vitória, em 1997, pelo Cruzeiro, no mesmo ano. Até 2002 peregrinou por alguns clubes, encerrando a carreira pelo Al-Ittihad, da Arábia Saudita, em 2002. Atualmente é deputado estadual no Rio de Janeiro.

# TAFFAREL

Considerado um dos melhores goleiros do Brasil em todos os tempos, Claudio Taffarel foi fundamental na Copa. Protegido por uma sólida defesa, levou três gols na Copa. Consagrado pelo bordão de Galvão Bueno, "Sai que é tua, Taffarel!", com variante para "vai que é tua...", teve sorte e talento na disputa por pênaltis. Viu Baresi desperdiçar o primeiro pênalti, pegou a batida de Massaro e depois assistiu Baggio mandar a bola por cima do travessão. O goleiro fez o total de 104 jogos pela seleção brasileira. Em 1994, era titular do pequeno Reggiana, na Itália. Em 1995 voltou ao Brasil e jogou pelo Atlético-MG até 1998, quando disputou sua terceira Copa (havia disputado a de 1990). Encerrou a carreira em 2003, pelo Parma, onde foi ídolo. Atualmente é treinador de goleiros na seleção brasileira.

# DUNGA

Não encantou com seu futebol, mas foi muito eficiente e importante na conquista do tetra, recuperando parte da imagem que perdeu ao simbolizar o fiasco da Copa de 1990, a esquecível "Era Dunga". Foi um líder em campo e feroz defensor do time, que vivia de mal com a imprensa. Seu estilo, então, o definiu para a carreira que viria depois, como técnico. Dunga foi o líder durão de que o Brasil precisava para entrar nos eixos, após o fiasco da Copa de 2006. Comandou a seleção na Copa de 2010, na África do Sul, eliminada pela Holanda. Mais uma vez, após um fiasco (agora o 7 x 1 de 2014), Dunga foi chamado para consertar, mas não aguentou e deu lugar a Tite, em 2016. Atualmente está sem clube para treinar.

# MÁRCIO SANTOS

Zagueiro alto, forte e seguro, fez ao lado de Aldair uma grande dupla de zaga na Copa. Marcou um gol contra Camarões na fase de grupos. Foi titular nos sete jogos e não levou nenhum amarelo. Na final, foi o primeiro brasileiro a bater nas cobranças de pênaltis, justamente por ser o de melhor desempenho nos treinamentos, mas acabou desperdiçando a batida, defendida por Pagliuca. Atualmente Márcio Santos, que vive em Balneário Camboriú-SC, é empresário proprietário de um shopping center na cidade litorânea de Santa Catarina.

Não era o titular, mas com a contusão de Ricardo Rocha logo no jogo de estreia contra a Rússia, assumiu a vaga e esteve muito bem durante a competição. Recentemente Ricardo Rocha contou que Parreira o chamou antes da final e revelou que Aldair sentia dores e que talvez não jogasse a última partida, mas o zagueiro da Roma se recuperou e atuou normalmente. Aldair foi um jogador discreto, tímido e calado, mas era muito eficiente em campo. Hoje, aposentado dos gramados, joga futevôlei pelo Flamengo.

## MAURO SILVA

O volante fez um ótimo trabalho de contenção no meio-campo ao lado de Dunga. Eficiente, era o limpa-trilho para os avanços dos laterais Jorginho e Leonardo (depois Branco), além de exercer a forte proteção da defesa. Com o jogo predominantemente defensivo de Parreira, foi fundamental na conquista. Participou de todos os jogos da campanha – foi substituído apenas na terceira partida, dando lugar a Mazinho. O meio-campo fez longa carreira pelo Deportivo La Coruña, onde atuou de 1994, ano da Copa, até 2005. Atualmente é funcionário da Federação Paulista de Futebol.

O lateral direito fez uma ótima Copa, mas um lance específico o consagrou. Na partida semifinal, apertadíssima, contra a Suécia, foi dele o cruzamento perfeito que achou a cabeça de Romário para garantir a classificação à final da Copa. Lateral moderno e apoiador, Jorginho já havia dado uma assistência perfeita para Márcio Santos marcar contra Camarões. Atualmente, Jorginho é técnico de futebol e treina a Ponte Preta, de Campinas (SP).

Ele ganhou a titularidade na lateral esquerda de forma inesperada, após Leonardo ser expulso e pegar um gancho que o tirou da competição. Branco, que tinha sua convocação questionada por ser considerado velho e fora de forma, deu conta do recado e se mostrou fundamental – especialmente no jogo seguinte, as quartas de final, contra a Holanda, quando fez o terceiro gol do Brasil, batendo falta, e classificou o Brasil para a semifinal. Branco é hoje coordenador das seleções de base do Brasil, na CBF.

O meia Zinho teve um papel tático importante no time. Era uma espécie de motorzinho da equipe pelo lado esquerdo. Tinha, além da função criativa, o papel de cobertura dos laterais que avançavam e, principalmente, ser garçom para as ações dos atacantes Bebeto e Romário. Tinha o apelido pejorativo de "enceradeira", o que o tempo mostrou ser tremendamente injusto, já que o jogador conduzia a bola com eficiência e objetividade. Atualmente é comentarista esportivo.

# ZINHO

# MAZINHO

O polivalente Mazinho foi alçado à titulandade no lugar de Raí, com perfil mais criativo. Pouco badalado, tinha na versatilidade seu valor. Com função tática bem definida, soube exercer seu papel de proteger a defesa pelo lado direito e cobrir os avanços do lateral Jorginho, além de alimentar Bebeto e Romário no ataque, quando tinha a bola nos pés. Mazinho vive na Espanha, onde, além de dirigir uma escolinha de futebol, gerencia a carreira de seus dois filhos, também jogadores de futebol: Tiago e Rafinha Alcântara.

# RAÍ

O craque Raí começou contando com a confiança de Parreira em seu futebol. Estreou na Copa marcando um gol de pênalti contra a Rússia. Foi substituído nos dois jogos seguintes na primeira fase. Mas já contra os Estados Unidos, nas oitavas, ficou no banco, perdendo a posição para Mazinho. Só voltou a campo mais uma vez, na semifial, invertendo com Mazinho, contra a Suécia. Raí é atualmente diretor de futebol do São Paulo.

O treinador parecia a pessoa talhada para comandar o Brasil na conquista do tetra. E foi! No grupo havia auxiliares que caminhavam juntos desde 1970, com Zagallo, Américo Faria e o médico Lídio de Toledo. O futebol praticado por sua equipe foi muito criticado, especialmente por uma Eliminatória sofrível feita pelo Brasil. Montou um grupo experiente, com poucas mesclas jovens, que suportou a pressão. Parreira teve de lidar com a perda de seu titular da zaga Ricardo Rocha, a substituição de Raí e a perda de Leonardo. Deu conta de tudo e manteve o grupo unido sob comando firme. Aos 76 anos, atualmente não exerce mais a função de treinador.

# CARLOS ALBERTO PARREIRA

# BRASIL TETRACAMPEÃO MUNDIAL 1994

Em pé: Taffarel, Jorginho, Aldair, Mauro Silva, Márcio Santos e Branco. Agachados: Mazinho, Romário, Dunga, Bebeto e Zinho